



Revista  
de  
Psicologia

# A QUESTÃO DO CONHECIMENTO OBJETIVO NA EPISTEMOLOGIA DE KARL POPPER \*

THE QUESTION OF OBJECTIVE KNOWLEDGE IN KARL  
POPPER'S EPISTEMOLOGY.

Hamilton Teixeira dos Santos Júnior \*\*

## RESUMO

Aborda-se um elemento da epistemologia de Popper de salutar importância e que permite uma visão geral do seu racionalismo crítico. Refere-se ao *conhecimento objetivo* e à noção de *mundo 3*, conceitos técnicos que permeiam praticamente toda a postura teórica de Popper a partir dos anos 60 em diante, ganhando vida no livro *Conhecimento Objetivo*. Aqui, Popper procura traçar uma distinção específica entre o que seria um conhecimento objetivo e um conhecimento subjetivo da ciência, traçando seus limites, suas características essenciais e enunciando, por conseguinte, que o conhecimento científico para ser objetivo, deve ter sua epistemologia assentada em um conhecimento sem um sujeito conhecedor.

**Palavras chave:** conhecimento objetivo; conhecimento subjetivo; mundo 1; mundo 2 e mundo 3

## ABSTRACT

An element of Popper's epistemology that permits a general vision of his critic rationalism is the one concerning the objective knowledge and the world notion "3". These are technique concepts present in almost all his theoretical approach since the early sixties. This approach is even clearer in the author's "Objective Knowledge". This book tries to distinguish what could be objective or subjective knowledge of science and delineates their limits and essential characteristics. It shows consequently that for being objective, the scientific knowledge needs a based upon a knowledge without a knowing subject epistemology.

**Key words:** objective knowledge; subjective knowledge; world 3.

\* O presente ensaio refere-se à parte do quinto capítulo de minha Dissertação de Mestrado intitulada "Epistemologia e Racionalidade Científica em Karl Popper", defendida no programa de pós-graduação do Departamento de Filosofia da UFC em 2002.

\*\* Graduado em Psicologia pela UFC, Mestre em Filosofia pela UFC e Professor da Faculdade Evolutivo. Email: hamiltonteixeira@aol.com

## 1 – O CONHECIMENTO OBJETIVO E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO 3

Popper advoga a hipótese de que na epistemologia, uma vez presente o sujeito conhecedor, duas conseqüências negativas se fazem presentes: o conhecimento passa a ser subjetivo e a referência ao conhecimento do mundo exterior torna-se dependente daquele que conhece. Para Popper, toda a epistemologia fundamentada num sujeito conhecedor refere-se a um conhecimento subjetivista, descaracterizando, dessa forma, o que constitui o conhecimento objetivo. É, nesse sentido, que se vislumbra uma primeira distinção a ser feita. Esta refere-se àquilo que é concebido como conhecimento subjetivo e como conhecimento objetivo.

Ao diferenciar esses dois tipos de conhecimento, Popper afirma que no conhecimento objetivo não é possível falar-se de um sujeito conhecedor. O mundo do conhecimento objetivo é real e autônomo, como também diferente do mundo físico e do mundo subjetivo. Popper nomeia esse mundo autônomo como mundo 3, o mundo subjetivo como mundo 2 e o mundo físico como mundo 1. Procura explicitar em que consistem essas noções e como elas estão articuladas.

Para refletir acerca da noção de conhecimento objetivo, faz-se necessário explicitar a afirmação de Popper de que, na epistemologia, não existe sujeito conhecedor. Para justificá-la, ele utilizou-se da distinção entre o conhecimento subjetivo e o objetivo.

## 2 – DO CONHECIMENTO SUBJETIVO

Popper (1975) atribui ao conhecimento subjetivo toda uma tradição de pensamento filosófico em que figuram Descartes<sup>1</sup>, Locke, Berkeley, Kant ou Russel (p. 109). O conhecimento, para estes, estaria assentado em crenças subjetivas.

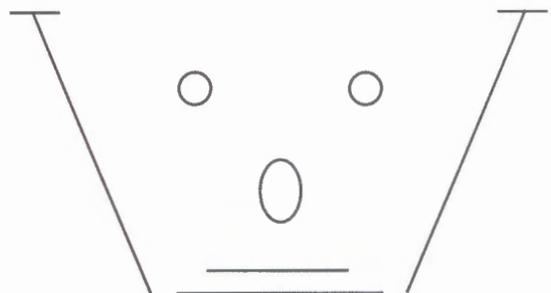
Segue-se que toda a epistemologia tradicional, apoiada nessa perspectiva subjetivista, vincula-se à expressão do tipo “eu sei” ou “estou pensando”. Para Popper, tal postura chega a ser irrelevante para o conhecimento científico, uma vez que este não se fundamenta no mundo subjetivo (mundo 2), repetimos, aquele do sujeito que se expressa sobretudo nas afirmativas do tipo “eu sei”. O conhecimento científico objetivo refere-se a um mundo objetivo (mundo 3), no qual estão teorias, problemas e argumentos objetivos. Assim diz Popper (1975):

A epistemologia tradicional tem estudado o conhecimento ou o pensamento num sentido subjetivo – no sentido comum das expressões ‘eu sei’ ou ‘estou pensando’. (...) O conhecimento científico simplesmente não é conhecimento no sentido do uso comum da palavra ‘sei’. Enquanto o conhecimento no sentido de ‘sei’ pertence ao que chamo ‘segundo mundo’, o mundo de sujeitos, o conhecimento científico pertence ao terceiro mundo, ao mundo de teorias objetivas, problemas objetivos e argumentos objetivos (p. 110).

Nesse sentido, ficam esclarecidas duas concepções do que Popper entende por conhecimento. O conhecimento subjetivo diz respeito ao estado de informação referente à forma característica do “eu sei”. Popper (1975) dá um exemplo deste último: “eu sei que o teorema de Fermat ainda não foi provado, mas creio que será um dia provado” (p. 112). Ora, com isso, ilustra tanto o que se refere ao conhecimento subjetivo quanto ao sujeito que conhece.

Ao caracterizar o conhecimento subjetivo firmado num estado, numa crença, Popper tem como questionamento central articular e explicitar a epistemologia, ou teoria do conhecimento, naquilo que é sua característica basilar: a de como entender o crescimento do conhecimento.

Segundo Popper (1975), toda a epistemologia tradicional estada nas características acima mencionadas, explicava o crescimento do conhecimento com base na observação e na percepção. Referia-se, dessa forma, à teoria da mente humana como *tabula rasa*, em que, o conhecimento cresceria pelo acúmulo das experiências sensoriais. Popper chega mesmo a batizar esta concepção do conhecimento como teoria do balde mental (p. 66)<sup>2</sup>.



<sup>1</sup> Cf. PELUSO, L. A., 1995, pp. 126-142, em que explicita com bastante precisão o conhecimento subjetivo em Descartes, Kant, Husserl e Merleau-Ponty.

<sup>2</sup> Cf. tb. POPPER, K. *O conhecimento e o problema corpo-mente*. 1997. p. 28 e 40.

Segundo as próprias palavras do autor citado:

Inicia-se com a pergunta: 'como é que eu sei?'. A resposta é: 'adquiro conhecimento através dos sentidos: olhos, ouvidos, nariz e língua; é através deles que o conhecimento entra no meu recipiente'. Claro que também entra através do sentido do tacto, não representado no esquema (POPPER, 1997, p. 28).

Neste esquema, Popper (1975) procura caracterizar toda a epistemologia tradicional concebida pelos filósofos ingleses como Locke, Berkeley e Hume. Para estes, o conhecimento é adquirido pelos sentidos, através de estímulos do meio exterior, sendo, por sua vez, levados a "(...) generalizações ou regras e, pelo hábito, então levados a contar com a regularidade" (p. 28).

Há outra característica a ser salientada a este respeito. Ela concerne à forma mesma como o conhecimento é adquirido. Para Popper, a perspectiva acima explicitada distingue-se pela passividade do sujeito diante do conhecimento a ser adquirido. O sujeito aqui não atua como produtor do conhecimento, mas comporta-se como mero espectador, representando tipicamente o modelo indutivo do conhecimento.

Contrariando esse modelo indutivo, Popper enuncia que, mesmo nos seres vivos – homens e animais que apresentam traços específicos de ordem inata – estes precedem as repetições essenciais na aquisição do conhecimento pelos sentidos. Evidencia-se, assim, que, por maior que seja a hipótese a favor do inatismo, as suas características dos seres vivos servem para afixar que existem tendências para aprender. A aprendizagem depende destas características.

Ainda nesta perspectiva, Popper frisa criticamente, e à guisa de exemplo, que existem crianças que nascem cegas e surdas, mas que desenvolvem uma linguagem tátil que ressalta a especificidade primordial do intelecto para funcionar sem estar necessariamente vinculado aos olhos e aos ouvidos.

Desta forma, Popper (1975) chama a atenção para a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento que reside no "(...) amadurecimento do conhecimento inato, no amadurecimento da tendência para a aprendizagem de uma linguagem humana" (p. 29). Esta tendência serve como chave de acesso ao mundo do conhecimento objetivo (mundo 3).

Portanto, a epistemologia tradicional, em suas vertentes racional-subjetiva e empírica, estribada num sujeito que sabe e cujo conhecimento é adquirido pelos dados dos sentidos, caracteriza-se como um conhecimento que se sustenta a partir de um referencial

subjetivo e de uma passividade do sujeito diante do conhecimento, sem o que este não seria possível. Ilustra, assim, todo o modelo indutivo de pensar a ciência, posto que o crescimento do conhecimento prima pela acumulação das experiências sensoriais e da receptividade passiva dessas experiências pelo sujeito. Acrescente-se, finalmente, que todo conhecimento subjetivo descrito por Popper se refere a um conhecimento inerente a um sujeito individual e egocêntrico, prenhe de intencionalidades e emotividade, quer dizer, um sujeito em que as considerações específicas sentimentais são inevitáveis. Segundo Popper, tal epistemologia não caracteriza o conhecimento científico que prima pela objetividade. Naquela, a objetividade se torna secundária.

### 3 – DO CONHECIMENTO OBJETIVO

Para refletir acerca do conhecimento objetivo em Popper, urge que se mencionem algumas premissas básicas. Em primeiro lugar, a distinção e a caracterização entre os três mundos já mencionados: o mundo físico (mundo 1), o mundo dos estados mentais (mundo 2) e o mundo das teorias e dos problemas (mundo 3). Em segundo lugar, a autonomia do mundo 3 e a objetividade do conhecimento científico. Em terceiro lugar, a relação entre esses três mundos, articulada à questão central de toda a epistemologia popperiana que consiste em pensar o crescimento do conhecimento científico.

Para Popper (1975), mundo 1, ou o mundo físico, como o próprio nome já indica, refere-se a tudo aquilo de concreto que está presente como um todo, ou seja, refere-se ao "(...) mundo dos corpos físicos e dos seus estados físicos e fisiológicos" (p. 17).

O mundo 2, ou mundo dos estados mentais, refere-se aos estados da consciência, bem como às disposições para agir, características típicas da epistemologia tradicional que, para entender e explicar o crescimento do conhecimento científico, centra sua perspectiva na relação entre os mundos 1 e 2. Funda, no sujeito conhecedor, sua argumentação discursiva, como também sua própria estagnação, pois, assim, o conhecimento não pode ser pensado para além desse sujeito.

Com a teoria do mundo 3, Popper tenta caracterizar o discurso científico de uma objetividade totalmente destituída de um sujeito conhecedor. Todavia, se posiciona contra essa concepção, referindo-a como irrelevante para o conhecimento científico. Com efeito, para ele, uma epistemologia fulcrada nesses moldes, se destaca mais, como já dito anteriormente, como algo que se baseia em uma crença.

Acrescente-se, parafraseando Bachelard, que a epistemologia que a ciência merece refere-se sobretudo aos problemas científicos, às questões conjecturais, a hipóteses, aos argumentos críticos, em suma, aos problemas decorrentes do mundo 3. Este é objetivo e autônomo. Nas palavras de Popper (1975):

o relevante para a epistemologia é o estudo de problemas científicos e situações de problema, de conjecturas científicas (que tomo como simplesmente outra expressão para hipóteses ou teorias científicas), de discussões científicas, de argumentos críticos e do papel desempenhado pela evidência em argumentos; e, portanto, de revistas e livros científicos, e de experiências e sua avaliação em argumentos científicos; em suma, que o estudo de um terceiro mundo de conhecimento objetivo amplamente autônomo é de importância decisiva para a epistemologia (p. 113).

Torna-se de bom alvitre frisar a este respeito a importância que passa a ter a ciência enquanto teoria conjectural e distinguida, sobretudo, por sua provisoriabilidade, contrariando, assim, toda uma forma de pensamento esteada em supostas verdades ou em expressões do tipo "eu sei". Tal postura agora não se assenta em conjecturas sobre verdades e certezas, ou seja, na crença de um conhecimento seguro e indubitável, como foi pensado pela epistemologia tradicional, desde os gregos até à modernidade<sup>3</sup>.

Ora, se a epistemologia do *novo espírito científico*, conforme tão bem caracterizou Bachelard (1984), ou aquela do espírito objetivo como pronuncia Popper (1975, p. 145), não reclama para si a certeza do conhecimento, o conhecimento estriba-se em hipóteses, em suposições, numa *crença subjetiva* de ação que possa permitir seu crescimento objetivamente e decorrente de uma relação, poder-se-ia dizer, da dialética entre o mundo 2 e o mundo 3.

Conforme Popper (1975), a articulação entre estes dois mundos permite uma melhor elucidação ou caracterização do que seja este mundo 2, principalmente no que se refere aos "processos subjetivos de pensa-

mento dos cientistas" (p. 114). Com efeito, para Popper, o mundo 3 propicia um melhor entendimento sobre a consciência subjetiva e seus processos mentais.

Do que foi acima exposto, decorrem três teses:

A primeira delas é que o terceiro mundo é um produto natural do animal humano, compatível a uma teia de aranha. A segunda tese de apoio (e, penso, uma tese quase crucial) é que o terceiro mundo é amplamente autônomo, mesmo embora constantemente atuem sobre ele e sejamos atuados por ele: é autônomo apesar do fato de ser produto nosso e de ter um forte efeito de retrocarga sobre nós; isto é, sobre nós como habitantes do segundo mundo e mesmo do primeiro. A terceira tese de apoio é que através dessa interação entre nós e o terceiro mundo é que o conhecimento objetivo cresce, e que há estreita analogia entre o crescimento do conhecimento e o crescimento biológico, isto é, a evolução de plantas e animais (POPPER, 1975, p. 114).

Considerando-se o que foi exposto, como se pode entender a relação entre as características de cada mundo a que se refere Popper? Vislumbra-se aqui a relação interacional entre o mundo 2 e o mundo 3, relação também chamada de retrocarga, pois, embora o mundo 3 seja produto mental do homem, isto é procedente do mundo 2, aquele possibilita argumentos que ensejam uma compreensão deste mundo 2. O contrário não é possível, posto que o mundo 3 é autônomo e inesgotável. O mundo 2 produz o mundo 3 e este, por sua vez, torna-se autônomo, já que as conseqüências dessa produção são inusitadas e transcendem toda e qualquer relação subjetiva. Popper ilustra esta relação tomando como exemplo os números naturais. Afirma que estes são criações humanas referentes ao mundo 2, portanto. Porém, as teorias referentes aos números naturais, no que tange aos pares e ímpares, bem como aos números primos, não dependem de nossa criação, mas de problemas teóricos que vão sendo descobertos e postos à prova independentemente de construções intencionais (POPPER, 1997, p. 45).

<sup>3</sup> Cf. POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. 1993. p. 305.

<sup>4</sup> Para outras considerações sobre Hegel e o pensamento de Popper, vide POPPER, K. *Sociedade aberta e seus inimigos*, v. 1. 1987a. Popper faz também aproximações do mundo 3 autônomo com as idéias fregeanas, na medida em que para Frege era possível conceber atos subjetivos de pensamentos, pensamentos no sentido subjetivo, e pensamento objetivo, de conteúdo de pensamento. Cf. POPPER, K. *Conhecimento objetivo*. 1975. p. 127; e POPPER, K. *Conhecimento e o problema corpo-mente*. 1997. p. 44 e 45, em que o autor afirma: "Pensamento no sentido subjectivo é um processo mental que pode diferir muito, consoante a ocasião e a pessoa. (...) Pensamento no sentido objectivo é o conteúdo de uma afirmação (ou asserção ou proposição) ou o encadeamento de um argumento, ou a dificuldade constituída por um problema por resolver. Embora possa ter sido inventado ou descoberto em determinada altura, só depois, em qualquer ocasião, é que porventura será absorvido ou subjectivamente compreendido. Como ocupante do mundo 3, torna-se, por assim dizer, intemporal; a sua história é, porém, temporal".

Afigura-se, assim, um mundo 3 semelhante ao mundo das Idéias platônicas, e ao mundo do Espírito Absoluto em Hegel. Popper (1975) chega a afirmar que "Platão foi o descobridor do terceiro mundo" (p. 123). Por outro lado, no entanto, Popper o distingue do mundo ideacional de Platão, já que para este as idéias eram imutáveis, imóveis e verdadeiras. Conforme Popper, com efeito, o mundo 3

é feito pelo homem e é mutável. Contém não só teorias verdadeiras, mas também falsas, e especialmente problemas abertos, conjecturas e refutações (p. 124).

O mundo 3 é também diferenciável do que postulou Hegel porque "o Espírito Objetivo e o Espírito Absoluto consistem ambos de produções humanas; o homem não é seu criador" (p. 126). Não há, assim, em Hegel, o efeito de retrocarga e a autonomia do mundo 3, posto que essas duas características tornam-se nele onipotentes, sendo a divina autoconsciência o motor que move o homem (p. 126)<sup>4</sup>.

Poder-se-ia indagar em que sentido a autonomia do mundo 3 e a objetividade científica a ela inerente possibilitam o crescimento do conhecimento. Resume-se, aqui, o que foi exposto acima. O mundo 3 é produto do mundo 2; que o mundo 3, embora sendo produto do mundo 2, é autônomo, pois inesgotável em suas realizações. É, por conseguinte, muito mais importante que o mundo que o produziu. Há uma relação de retrocarga entre o mundo 3 e o mundo 2. O mundo 3, em sua autonomia, é composto por teorias, problemas, livros, bibliotecas etc.

Popper (1975) utiliza-se de uma explicação biológica para tentar respaldar a existência do mundo 3 em sua compreensão relacional para com o mundo 2. Conforme o autor, na Biologia o interesse do cientista volta-se para dois aspectos: um relacionado ao comportamento animal e outro relacionado às estruturas não-vivas produzidas por estes, tais como ninhos de pássaros, teias de aranhas (p. 114-116)<sup>5</sup>.

Do segundo aspecto acima citado, duas categorias devem ser comentadas. A primeira se refere aos métodos usados na produção das estruturas e a segunda às próprias estruturas, tanto em sua composição química e física quanto nas condições ambientais e nos seus ajustamentos. Para Popper, o que é relevante, aqui, relaciona-se com as próprias estruturas. A partir destas, pode-se compreender os aspectos referentes aos métodos usados pelos animais na con-

fecção de seus ninhos, por exemplo, isto é, permitem ao biólogo analisar o modo como foram construídas, as estruturas típicas (previsíveis e herdadas), bem como as variações e os ajustamentos sob determinadas condições.

Uma outra concepção popperiana que ilustra a autonomia do mundo 3 diz respeito a uma das mais importantes faculdades humanas: as que decorrem da função da linguagem e do efeito desta no cérebro. A autonomia do mundo 3 está intrinsecamente ligada à linguagem, parte integrante deste mundo, bem como este é produto desta. Mas, como se articulam o mundo 3 e a linguagem?

Popper (1975) destaca quatro funções inerentes à linguagem humana; as duas primeiras também são inerentes à linguagem nos animais: 1) a função auto-expressiva, ou sintomática relativa ao que está ocorrendo; 2) a função sinalizadora, que tem como ponto capital a evidência de algum sinal de alerta. Na linguagem humana tem-se a mais 3) a função descritiva e 4) a função argumentativa (p. 121).

Conforme Popper, a função descritiva tem como traço distintivo o ajuste aos fatos, emergindo tão-somente como idéia reguladora de *verdade*, de conteúdo de verdade e verossimilitude. Por outro lado, a função argumentativa pressupõe a capacidade descritiva e tem, por corolário, a exposição crítica dos argumentos acerca das idéias reguladoras de verdade, de conteúdo e de verossimilitude.

Entretanto, para além dessas funções inerentes à linguagem, importa destacar dois aspectos de suma importância. O primeiro implica a linguagem descritiva que deve se desenvolver de uma forma exossomática, ou seja, fora do corpo e servindo como instrumento para que o mundo transindividual: o mundo 3 lingüístico possa emergir. É só no mundo 3 que os problemas e os padrões da crítica racional podem ser concebidos e desenvolvidos. O segundo aspecto concerne ao próprio desenvolvimento das funções superiores da linguagem e permite compreender a humanidade e o uso da razão. O poder desta nada mais é que o poder da argumentação crítica.

Infere-se dessas considerações, isto é, dessas duas funções, a idéia da linguagem como autônoma e existindo em semelhança com o mundo 3. Em outros termos, poder-se-ia dizer que há o mundo autônomo das funções superiores da linguagem. Este se torna o próprio mundo da ciência, permitindo a aplicação do esquema quadripartido (P1 ® TT ® EE ® P2), bem

<sup>5</sup> Maiores considerações sobre o mundo 3, vide POPPER, K., *O eu e seu cérebro*. 1995, cap. 2, seções 10 a 15, parte do livro que foi escrito conjuntamente com ECCLES, John.

como as conseqüências relativas ao próprio crescimento do conhecimento científico. Com efeito, eliminando-se os erros de forma crítica, tem-se "(...) uma descrição racional da emersão evolucionária e de nossa autotranscendência por meio da seleção e da crítica racional" (POPPER, 1975, p. 122).

Por conseguinte, segundo Popper (1975)

A linguagem, a formulação de problemas, a emersão de novas situações de problemas, teorias concorrentes, crítica mútua por meio de argumentação, tudo isto são os meios indispensáveis do crescimento científico. As funções ou dimensões mais importantes da linguagem humana (que as linguagens animais não possuem) são a função descritiva e a argumentativa. O crescimento dessas funções é, naturalmente, obra nossa, embora elas sejam conseqüências não pretendidas de nossas ações. Só dentro de uma linguagem assim enriquecida é que a argumentação crítica e o conhecimento no sentido objetivo se tornam possíveis (p. 123)<sup>6</sup>.

Desta forma, Popper quer demonstrar a autonomia e a objetividade do mundo 3 em relação ao mundo 2. Para entender o comportamento dos animais, não basta partir da análise dos métodos utilizados por estes na realização de seus objetivos, pelo contrário, compreender-se-á melhor o comportamento dos animais a partir daquilo que é produzido. Inverte-se, assim, a relação de causa e efeito por uma de efeito a causa, caracterizando-se, desse modo, uma postura antbehaviorista e antpsicológica.

Dessa breve exposição, três são as conclusões a serem retidas: 1) a distinção existente entre o que provém da produção pessoal no conhecimento científico e dos problemas ligados às estruturas de vários pro-

ductos, como as conjecturas e as hipóteses; 2) o fato de o estudo dos produtos ser maior em possibilidades do que o estudo da produção; 3) o fato de se aprender mais a respeito do comportamento e da psicologia a partir do estudo dos produtos, ou seja, do efeito para a causa. Conforme Popper (1975)

o efeito suscita o problema – o problema a ser explanado, o que se vai explicar – e o cientista tenta resolvê-lo construindo uma hipótese explicativa p. 116).

Destarte, a autonomia do mundo 3 pode ser descrita como uma possibilidade ou uma potencialidade de vir a ser quer entendida, interpretada ou mal interpretada, e não deixa de mostrar o seu caráter disposicional de acontecer, mesmo que seu conteúdo jamais tenha sido efetivado ou realizado<sup>7</sup>.

Diante dessa argumentação, percebe-se não somente a autonomia do mundo 3, mas também sua objetividade, posto que, como potencialidade, seus produtos estão além daquilo que foi pretendido e efetivamente produzido (POPPER, 1975, p. 119). A partir dessa potencialidade, novos alvos e problemas passam a ser possíveis. Infere-se que tanto a autonomia do mundo 3 quanto sua objetividade implicam o crescimento do conhecimento científico, pois aquela possibilita problemas (P1) que, sendo de valor relevante, são concebidos em teorias testáveis (TT). Através de suas hipóteses teóricas estas teorias serão submetidas à eliminação do erro (EE), mediante a discussão crítica (DC) ou através de testes experimentais (TE). No entanto, novos problemas (P2) surgirão e estes, novamente, serão submetidos a teorias hipotéticas, testadas e submetidas à razão crítica de modo intermitente, a fim de caracterizar o crescimento do conhecimento. Enfatizam-se que os novos problemas (P2), embora produtos da mente humana criadora, não estão atrelados à

<sup>6</sup> Cf. tb. POPPER, K. *Sociedade aberta, universo aberto*. 1995. p. 69 e ss., principalmente quando afirma nas páginas 69-70 e 71, respectivamente: "(...) Poder-se-ia dizer que o meu Mundo 3 é a generalização das idéias, que uma linguagem existe não só no nosso espírito, mas também objectivamente, no mundo físico, e que, além disso, ela tem uma legitimidade própria, não física, num mundo objectivo. É esta sensivelmente a idéia de um Mundo 3. (...) A linguagem humana é, creio eu, o elemento originário do Mundo 3", pois "(...) o que é característico da linguagem humana é que ela tem também significado, e esse significado não está apenas ligado ao lugar e tempo do falante; o significado pode ser independente do ouvinte e até do falante". Cf. tb. POPPER, K. *Conhecimento e o problema corpo-mente*. 1997. cap. 3, p. 63-97, o qual é bastante explicativo em relação a essa questão.

<sup>7</sup> Cf. tb. POPPER, K. *O eu e seu cérebro*. 1995. cap. 1, seções de 1 a 9, em que discorre sobre um materialismo que transcende a si próprio. À guisa de exemplo, poder-se-ia vislumbrar essa autonomia do mundo 3 nos seguintes versos de Fernando Pessoa (1987, p. 172):

"O UNIVERSO não é uma idéia minha.  
A minha idéia do Universo é que é uma idéia minha.  
A noite não anoitece pelos meus olhos,  
A minha idéia da noite é que anoitece por meus olhos.  
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos  
A noite anoitece concretamente  
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso".

<sup>8</sup> Raphael chega mesmo afirmar que esse tipo de ciência baseado em um conhecimento objetivo, marcado por um lugar de descoberta não programado já havia anunciado por Picasso quando este afirmou: "*Je ne cherche pas, je trouve*", sendo essa afirmativa apropriada para caracterizar o homem popperiano de ciência. *Ibidem*, p. 26.

intencionalidade do seu criador. Poder-se-ia dizer que esse tipo de conhecimento objetivo e que a ciência a ele inerente primam, como bem afirma Raphael (2000), por “um lugar para a descoberta não programada, para o espírito empreendedor isolado, para o teorizador que encontra mais do que está procurando” (p. 25) <sup>8</sup>. Assim se ilustra, esquematicamente, o crescimento do conhecimento:

P1 ® TT ® EE (DC) ® P2

Nas próprias palavras de Popper (1975):

Partindo-se de algum problema P1 passamos a uma teoria experimental ou uma solução experimental TT, que pode ser errônea (parcial ou totalmente); em qualquer caso, será submetida à eliminação de erros EE, que pode consistir de discussão crítica ou de testes experimentais; de qualquer forma, novos problemas P2 brotarão de nossa atividade criadora; e esses novos problemas são em geral criados intencionalmente por nós, mas emergem autonomamente do campo de novas relações que não podemos deixar de trazer à existência com cada ação, por pouco que o pretendemos fazer (p. 120).

Popper (1975) prossegue e arremata:

A autonomia do terceiro mundo e a retrocarga do terceiro mundo sobre o segundo e mesmo o primeiro estão entre os fatos mais importantes do crescimento do conhecimento (pois) todo trabalho em ciência é trabalho dirigido para o crescimento do conhecimento objetivo. Somos trabalhadores que estamos aumentando o crescimento do conhecimento objetivo tal como um pedreiro trabalha numa catedral (p. 120 e 122).

Do que foi exposto acima, depreende-se que ao se referir ao trabalho da ciência em direção ao crescimento do conhecimento, e por conseguinte, à epistemologia como teoria do crescimento do conhecimento (POPPER, 1975, p. 141), pode-se deduzir uma lógica da descoberta científica e que esta lógica é subjacente aos problemas oriundos do mundo 3, de seu conteúdo interessante e disposto em teoria altamente testável e de modo a produzir novos e profícuos problemas. Assim, ratifica-se, mais uma vez o esquema P1 ® TT ® EE ® P2 (ibidem, p. 142). Com efeito, nas próprias palavras de Popper (1975):

Assim a vida, como a descoberta científica, passa de velhos problemas para a descoberta de problemas novos e inimaginados. E

esse processo – o da invenção e seleção – contém em si mesmo uma teoria racional de emersão. Os passos de emersão que levam a um nível são, em primeira instância, os novos problemas (P2) que são criados pela eliminação de erro (EE) de uma solução teórica experimental (TT) de um problema velho (P1) (p. 141).

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusivamente, vislumbra-se, em primeiro lugar, que a perspectiva advogada por Popper traça distintamente uma concepção de epistemologia ou teoria do conhecimento científico que prima, sobretudo, por uma diferenciação capital na relação do sujeito para com o objeto do conhecimento. Com Popper, pode-se compreender que essa relação não se atém mais à concepção, outrora vigente, de uma mera passividade do sujeito diante do objeto a ser conhecido.

O sujeito é o detentor do conhecimento.

Em segundo lugar, percebe-se o conhecimento no sentido objetivo, não somente na sua restrição subjetiva, mas também nessa nova relação entre sujeito e conhecimento. O importante a ser considerado é o ganho que essa relação proporciona, a transcendência que essa interação entre o mundo 2 e o mundo 3 fornece ao homem. Segundo Popper (1975):

A coisa incrível a respeito da vida, da evolução e do crescimento mental, é justamente esse método de dar-e-tomar, essa interação entre nossas ações e seus resultados, por meio da qual constantemente transcendemos a nós mesmos, a nossos talentos, nossos dotes (p. 145).

Em terceiro lugar, enfim, percebe-se a importância que assumem todas essas considerações enquanto posturas não só teóricas, mas de vida mesmo. Deixa-se, assim, bem explícita uma peleja: a tentativa de solucionar problemas, a partir das descobertas oriundas do mundo 3, de modo a propiciar ao homem um maior poder de explicação da realidade e uma maior proximidade à verdade logicamente mais interessante. Tal se dá sob o crivo da discussão crítica com vistas à elevação do conhecimento e de suas conseqüências em busca de um mundo humano sempre melhor.

#### 5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (coleção Os pensadores).

PELUSO, Luís Alberto. *A filosofia de Karl Popper: epistemologia e racionalismo crítico*. Campinas/SP: Papyrus; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1995.

PESSOA, Fernando. "Poemas completos de Alberto Caieiro". In: *Obra poética*. 9. ed. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

POPPER, Karl. *Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1975.

\_\_\_\_\_. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Volume 1: o fascínio de Platão. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.

\_\_\_\_\_. *A lógica da pesquisa científica*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sociedade aberta, universo aberto*. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995a.

POPPER, Karl & ECCLES, John. *O eu e seu cérebro*. 2. ed. Campinas/SP: Papyrus, 1995b.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento e o problema corpo-mente*. Lisboa: Ed. 70, 1997.

RAFHAEL, Frederic. *Popper: o historicismo e sua miséria*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. (Coleção Grandes Filósofos).